

Voar em bando: uma vista do território

Marcos Clóvis Fogaça¹

O relato de experiência a seguir emerge de práticas artísticas mediadas no ensino de Arte com estudantes do ensino médio do IFSP Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga, no segundo semestre de 2025. A experiência envolveu sete turmas (1º ano de Edificações; 1º e 2º anos de Informática; 1º, 2º, 3º e 4º anos de eletromecânica), contemplando aproximadamente 250 estudantes. O projeto nasce de uma inquietação pessoal em construir uma prática de ensino de Arte ancorada nos saberes culturais dos estudantes, na produção de identidades vinculadas ao território e em uma perspectiva afro-referenciada, antirracista e comprometida com a visibilização dos saberes dos povos originários. Para materializar esses princípios, propus processos criativos nas artes visuais e nas artes cênicas que culminassem em apresentações no evento institucional do campus, a semana Afroguarani.

No início do semestre, comecei com todas as turmas uma investigação coletiva sobre a noção de território. Primeiramente, registramos na lousa palavras, imagens e conceitos que os estudantes associavam ao termo, mobilizando dimensões tanto simbólicas e afetivas quanto geográficas. A partir desse levantamento, construímos um mapa coletivo das localidades de onde cada estudante parte diariamente para chegar ao IF. O exercício evidenciou os territórios que ocupam em Itapetininga e nos municípios vizinhos, revelando deslocamentos, horários de despertar e meios de transporte como conteúdos centrais da discussão.

Em seguida, realizamos uma prática corporal inspirada em jogos de espacialidade. Propus que imaginássemos o mapa desenhado transposto para o gramado da instituição.

¹ É Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga, e Professor Tutor na Licenciatura em Teatro na modalidade a distância da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), é vice-líder do grupo de pesquisa – Teatro com Crianças e Jovens: práticas artísticas e proposições pedagógicas e integrante do GIAPE – Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte e Práticas Educativas, coordenado pela Profa. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (UFSCar – campus Sorocaba).



Imagem 1: mapa de ideias o que é território, IFSP, 2025

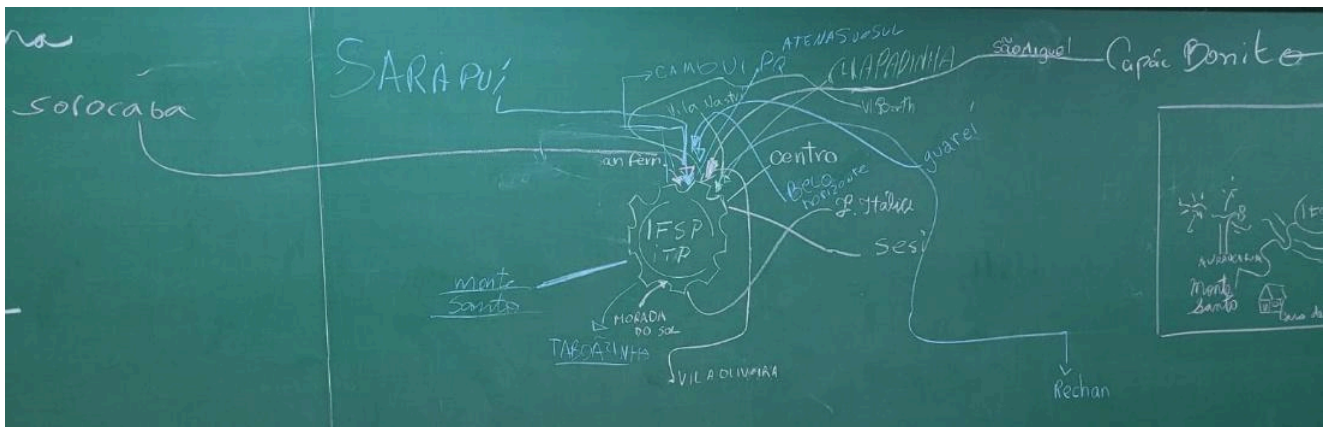


Imagem 2: mapa coletivo das nossas localidades

Os estudantes ocuparam o espaço conforme sua localidade e faziam uma caminhada dos seus trajetos, enquanto eu narrava os horários de saída de casa, do primeiro, às 5h30, ao último, às 7h, até que todos deveriam chegar simultaneamente ao centro, representado pelo IF. Na etapa seguinte, apenas se deslocavam ao centro aqueles que se reconheciam nas situações enunciadas: experiências afetivas, conflitos familiares, medos cotidianos, vivências de preconceito e racismo. O exercício tornou visíveis experiências compartilhadas e marcadores sociais de diferença, evidenciando dinâmicas de gênero e raça presentes no grupo.

Após essa vivência, experimentamos outros jogos e práticas, incluindo jogos tradicionais indígenas e africanos, além de exercícios inspirados no Teatro do Oprimido.



Imagem 3 e 4: jogo espacial “nossas localidades”

Ao longo do processo, cada turma escolheu os caminhos que gostaria de desenvolver como prática artística. Dentre as produções realizadas, apresento duas experiências que compõem este relato: a criação de uma peça inspirada em narrativas indígenas e a construção coletiva de árvores e grafismos como instalação visual.

Com os estudantes do 1º ano integrado em Edificações desenvolvemos a montagem de um espetáculo onde a dramaturgia teve como ponto de partida reflexões sobre a cosmovisão dos povos originários e seus ensinamentos, compreendendo o território como espaço de aprendizagem. A proposta buscou possibilitar que, ao estudar e construir as cenas, os estudantes se aproximassem de conhecimentos indígenas não como conteúdos folclorizados, mas como saberes que estão presentes no nosso cotidiano.

Um trecho da dramaturgia evidencia essa problematização:

Ator 11: E chamam os povos originários de “índios”, quando o correto é indígenas.

Ator 12: E dizem que são “lendas”, mas na verdade são cosmovisões. Saberes vivos.

Ator 13: Não podemos apagar essas vozes.

Ator 14: Posso levantar uma questão? Quando falamos em “contar histórias”, de quem é essa história? Muitas vezes mostramos só o lado dos poderosos e apagamos outras vozes. Isso pode reforçar preconceitos.

Ator 15: (coça a cabeça) Tipo... quais vozes?

Ator 16: As vozes indígenas, negras, das mulheres, dos trabalhadores. Se a gente repete estereótipos, sem querer acaba mantendo a gaiola colonial.

Ator 1: (olhando para cima, inspirada) Então... e se, ao invés de ficarmos dentro da gaiola, a gente escolhesse ser livre, ser pássaro?

A presença de pássaros com nomes de origem indígena na encenação surgiu como metáfora simbólica de liberdade e um voo para novos saberes, esses pássaros foram incluídos à dramaturgia como estratégia para evidenciar a permanência da língua tupi-guarani indígenas no nosso dia a dia. Em cena, foram representados por bonecos de vara construídos pelos próprios alunos que optaram por não atuar, garantindo a participação de todos em diferentes frentes criativas.



Imagem 5 e 6: construção coletiva dos bonecos de pássaros



Imagem 7: pássaros finalizados

Ainda tomando a mata como dimensão constitutiva do território, quatro turmas do campus (1º integrado em informática, 2º, 3º e 4º integrado eletromecânica) desenvolveram um estudo sobre grafismo a partir da

observação das árvores presentes no espaço institucional. A proposta iniciou-se com uma caminhada investigativa e desenho de observação pelo campus, na qual os estudantes observaram formas, texturas e cores da vegetação local. A partir dessas percepções, refletimos sobre como tais elementos poderiam se desdobrar em grafismos inspirados em referências indígenas, não como reprodução estética, mas como diálogo simbólico.

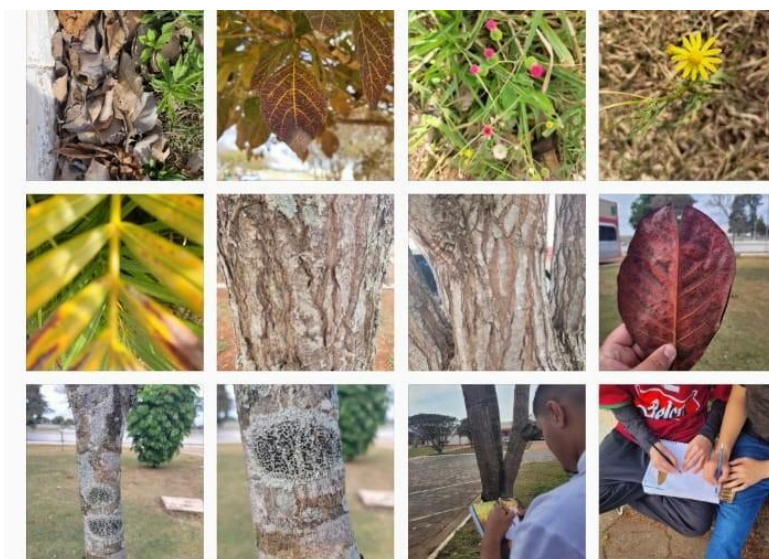


Imagem 8 e 9: texturas da paisagem natural no campus e desenho de grafismos

Divididos em grupos, os estudantes pesquisaram espécies da flora regional, levantando nomes de origem indígena e seus significados. Com base nessa investigação, elaboraram esboços de árvores que posteriormente foram ampliados em grandes tecidos, com cerca de 150 centímetros. Os troncos dessas árvores foram preenchidos com grafismos criados coletivamente, articulando observação do território e invenção visual.

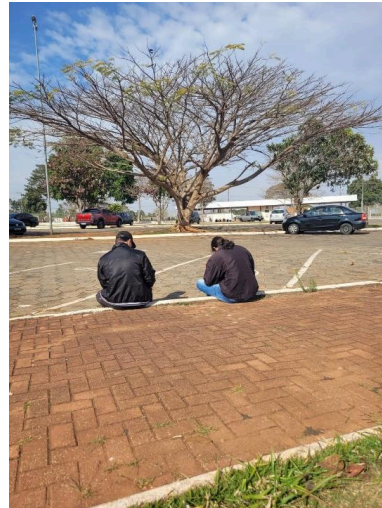


Imagem 10 e 11: Desenho de observação das árvores do campus

O objetivo do processo não foi copiar grafismos indígenas, mas, a partir deles, construir novas simbologias capazes de provocar reflexão sobre modos de habitar e significar o território, incentivando os estudantes a reconhecerem a presença dos saberes originários como referência viva.

Os resultados dos processos foram apresentados na II semana Afroguarani, evento organizado pelos professores do núcleo comum do campus (Língua Portuguesa, Inglês, Educação Física, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Biologia e Arte), onde celebramos nossas raízes e promovemos a reflexão sobre a cultura e a história Afro-Brasileira e Guarani. Ao articular pedagogias afro-referenciadas, saberes originários e práticas colaborativas, o projeto tensionou modos coloniais de ensinar arte e propôs deslocamentos no olhar sobre o que entendemos como conhecimento legítimo. Voar em bando, nesse contexto, tornou-se metáfora para um processo coletivo de aprendizagem.



Imagem 12, 13 e 14: exposição arvores do Brasil, IFSP, 2025